

Talvez o texto que melhor sintetize a centralidade da imaginação para o projeto de literatura infantil de Monteiro Lobato, em sua forma madura, seja a pequena tese intitulada “A criança é a humanidade de amanhã”. Escrita para uma suposta conferência de proteção à infância, o texto foi logo esquecido numa gaveta junto com dezenas de outros escritos, até ser publicado pela primeira vez por Denise Tavares, idealizadora e fundadora da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato em Salvador, no folheto comemorativo de sua inauguração em 1950. O texto é incorporado às *OC* na grande reforma da coleção movida por Cavaleiro e os editores da Brasiliense em meados da mesma década. É bom que se diga: trata-se de uma “tese” em sentido lato, proposição apresentada e defendida em público, o que no jargão acadêmico de hoje chamaríamos “palestra”, “comunicação” ou “conferência”. O uso da época, porém, tem a vantagem de indicar precisamente o seguinte: Lobato chegou a formular uma proposição minimamente coerente em torno do que é a criança e de que tipo de literatura lhe seria mais adequada – esboço de uma teoria da literatura infantil. A pergunta que orienta o texto, sugerida pelos organizadores do evento, refere-se aos “princípios” que deveriam pautar a produção de livros, revistas e jornais infantis. Podemos dividir a tese em duas partes.

A primeira distingue duas correntes pedagógicas antagônicas, uma das quais considera a criança

[...] como um homem em miniatura e pede que se dê a ela o mesmo alimento mental e moral que se dá ao homem, com redução apenas de dose. Critério dos farmacêuticos: para adultos uma colher de sopa; para crianças, uma colher de chá (CAC, p.249-250).

Para esta corrente, a criança é, no fundo, apenas uma “*nuissance*”, um aborrecimento, um “animalzinho incômodo” para pais e professores. De seus defensores, diz ele, surgiu toda uma “flora” de livros morais e instrutivos, escritos por professores e impostos pela administração escolar; tudo em perfeita concordância com o conceito de criança a que se propunham. O único problema, satiriza, estaria no fato de que, forçadas à leitura de tais livros, as crianças passavam a rejeitá-los

sistematicamente. Suportavam-nos apenas por obrigação, assim como suportam o “óleo de rícino, a erva-de-santa-maria – embora jamais bebam, [deles] espontaneamente” (*idem*, p.250). A outra corrente, por sua vez,

[...] admite a criança como um ser especialíssimo, do qual o homem vai sair, mas que ainda tem muito pouco de homem. Em conseqüência, o seu alimento mental há de ser, nunca uma redução de dose, mas algo especial. E da qualidade desse alimento elas têm que ser os julgadores. Se refugam, não presta; se mostram avidez, é ótimo. [...] A criança é um ser onde a imaginação predomina em absoluto. O meio de interessá-la é falar-lhe à imaginação. Vive num mundinho irreal e dele só sai, para aos poucos, ir penetrando no das duras e cruas realidades, quando com natural desenvolvimento do cérebro, a intensidade imaginativa vai-se apagando (*idem*, p.250-251).

Obviamente o que está em jogo na contraposição das duas vertentes não é o estabelecimento de um conjunto de “princípios” morais. Se esse era o sentido original da premissa que lhe teria sido sugerida, então Lobato a subverteu completamente em prol de outro critério, que depende de ser avalizado pelas próprias crianças. A segunda parte da tese indica à primeira o que falta na chamada literatura “farmacêutica”. Ela retoma a idéia da criança como um ser de imaginação, para então perguntar como é possível agradar ao seu gosto. A resposta, segundo Lobato, estava no conto da “menina da capinha vermelha”, a história mais conhecida do mundo.

Quem quiser formar idéia do que tem de ser a literatura infantil basta que estude a fundo essa história [...] Convencer-se-á então que ela foi composta pelas próprias crianças por intermédio de suas mães e vovós. [...] Imagino que ao ser contada pela primeira vez a história da menina da capinha vermelha, a primeira criança que a ouviu determinou, de início, dois pontos: a capinha e a cor da capinha. “Era uma vez uma menina que usava um vestido azul”, teria começado uma vovó lá no fundo da Germânia. A loura Gretchen, de quatro anos, que friorentamente a ouvia – vendo através da vidraça a neve a cair, interrompeu-a aí para a primeira colaboração. “Vestidinho, não, vovó, - capinha. (...) Azul também não vovó – vermelha”. (...) Uma vovó eivada de pruridos pedagógicos mas orientados, toda ela preocupações educativas e cívicas não teria cedido às reações da netinha. Teria imposto a sua história. Havia de ser vestido, havia de ser azul, a menina não conversava com o lobo, porque os lobos não falam, etc e tal. Resultado: a netinha dormia antes de chegar ao fim e nunca mais pediria à avó que lhe repetisse a história [...]” (CAC, p.251-252).

A proposição encaminha a literatura infantil para o terreno da oralidade. Esta passa a demandar uma flexibilidade e um desdobramento análogos, pelos quais o narrador deve ser capaz de emular o lugar da criança-leitora e assumir um ponto de vista semelhante ao dela, respeitando sua inteligência simples, porém sagaz. Lobato provavelmente não chegou a essas conclusões apenas através da observação, e parece plausível que a sua correspondência com as crianças-leitoras tenha desempenhado também um papel ativo no reconhecimento dessas premissas.

Mundo da Lua (1923) reúne anotações de um diário escrito por Lobato no tempo de Areias e Taubaté, quando tomava notas variadas de tudo o que pudesse lhe inspirar um conto. Várias dessas notas dizem respeito à observação dos brinquedos e modos de brincar de crianças. A atenção ao tema é contemporânea ao nascimento dos primeiros filhos, Guilherme e Edgar, que também figuram nesses registros. “Tem três anos o filho do meu vizinho. Está no período encantado em que se voltam as primeiras páginas do livro da vida, as páginas de cor onde aparecem o boi, o cachorro, o cavalo, os gatos” (*ML*, p.5), uma possível referência de Lobato aos livros de gravuras pelos quais as crianças aprendiam os nomes das coisas e animais. Da janela, o garoto observa as ruas à espera dos bichos, bate palmas e espera, atento, “nesse enlevo que é metade medo, metade surpresa” (*idem*). Ali avista sempre os bois em carros vindos das fazendas próximas, até que um dia, observando uma vaca, corre a gritar pela casa: “Mamãe, venha ver um boi sem rodas!...” (p.5). Noutra anotação, conta de um certo Tônico, que viu certa vez uma microfotografia de uma pulga e disse: “É cheia de ossinhos por dentro! Tal qual a gente...” (*idem*, p.21). Resolve averiguar e busca uma no pelo do cachorro, estala-a e conclui: “É mentira! Pulga não tem osso. O que ela tem dentro é um estalinho!...” (*idem*). Guilherme monta no seu colo e o observa a escrever.

- É trem? Pergunta.
- Não, filhinho, estou a escrever.
- É carta?
- É.

Satisfeita a curiosidade, põe-se a olhar fungando... De repente, acode-lhe uma ideiasita e pede-me que “escreva um trem”. (*idem*, p.55).

Os títulos das notas permitem sua fácil identificação com o tema da infância e da brincadeira, facilitando nossa recuperação das mesmas quando necessário: “Crianças”, “As crianças”, “Cabecinha de Boneca”, “Cucas”, “A Idade Feliz”, etc.

Nelas, como se vê, Lobato registra sua percepção de como a criança introduz um elemento de surpresa no mundo cotidiano, percebendo as coisas de um modo crivelmente lógico. Mas Lobato não anota apenas os pequenos divertimentos pueris. O comando, a autoridade, e até mesmo uma certa maldade, também são registradas por Lobato com curiosidade, como em “Despotismo”.

Eduarico lá está, de pedra na mão, a berrar e espernear, em furioso acesso de cólera infantil.
 A mulatinha pagem negaceia-o de longe.
 – O que é isso, Dico? perguntam-lhe.
 Ele soluça:
 – Aquela peste nã-ão quer parar...
 – Parar, para que?
 – Para eu jogar esta pe-dra nela!... (*idem*, p.59-60)¹.

Visto de um ponto de vista póstumo, *Mundo da Lua* exagera essas observações como principal fator dessa equação. O livro é uma espécie de divórcio em relação ao idealista e sonhador Hélio Bruma, explica ele no prefácio. Bruma era o seu principal heterônimo no tempo em que escrevia no Minarete e em outros pequenos jornais da faculdade de Direito. Ele o apresenta como um amigo, de quem se despede porque iam perdendo a intimidade à medida que o autor se encaminhava cada vez mais para a “vida prática”. O biógrafo ressalta que naquele momento a publicação do livro era mesmo uma despedida de Lobato do seu “lado escritor”. Dizia a Rangel em carta que publicara o livro apenas para ambos, quase como um presente Cavalheiro não o diz explicitamente, mas é possível que reunisse páginas trocadas em correspondência com o amigo, dado que os dois partilhavam entre si os seus diários. O divórcio acentuava-se na angústia do escritor em “retomar o fio de Urupês”, incapaz de emplacar novamente um sucesso daquela monta. Agripino

¹ Há uma forte raiz escravista na prática registrada, mas que não chega a ser problematizada por Lobato na nota. Vide a semelhança com esta descrição do viajante de Jonh Mawe, de 1809: “Os filhos dos escravos são criados com os dos senhores, tornam-se companheiros de folguedos e amigos e, assim, estabelece-se entre eles uma familiaridade que, forçosamente, terá de ser abolida na idade em que um deve dar ordens e viver à vontade, enquanto o outro terá de trabalhar e obedecer. Diz-se que unindo assim, na infância, o escravo ao dono, asseguram a fidelidade, mas o costume parece encerrar grandes inconvenientes [...]”. Freyre descreve as conseqüências sádicas e masoquistas dessa submissão na seguinte passagem de *Casa Grande & Senzala*: “Quase que do moleque leva-pancadas se pode dizer que desempenhou entre as grandes famílias escravocratas do Brasil as mesmas funções de paciente do senhor moço que na organização patriciana do Império Romano o escravo púbere escolhido para companheiro do menino aristocrata: espécie de vítima, ao mesmo tempo que camarada de brinquedos (...)”. O modo como Lobato lida com esse componente escravista da crueldade infantil da época é nebuloso e poderia ser confrontado com mais diligência, houvesse tempo e fôlego ainda nesta dissertação, com aquilo que Marcos César Freitas, que cita essas passagens, identifica como sendo o tema da criança na tradição do pensamento social sobre o Brasil. Fica indicado, porém, o caminho. Para as citações, ver (FREITAS; MONAR-CHA, 2001, p.257-258).

Grieco dirigira uma crítica mordaz a *Mundo da Lua* como sendo um livro disperso e sem consistência, passível talvez de um escritor iniciante, mas pouco digno de alguém que publicava já o seu sexto volume. O biógrafo reabilita o livro estabelecendo uma ligação direta entre aquelas observações e o sucesso de suas narrativas infantis posteriores (Cf. CAVALHEIRO, 1955, p.258-269). Conhecemos a continuação desse argumento, que desemboca no “retorno da infância” quando Lobato se encontrava nos EUA. Ambas as partes do argumento reiteram a vocação do escritor e minimizam o papel das correspondências com as crianças-leitoras como uma parte, creio, fundamental, do seu processo criativo. Ele mesmo dá uma boa notícia da variedade dessas correspondências.

A letra irregular, deliciosamente infantil (muitas vezes à lápis), o papel pequeno, que a mamãe trouxe da cidade especialmente para este fim, a sem-cerimônia do tratamento, a pontuação inteiramente arbitrária e a ingenuidade de intenções, fazem dessas cartinhas pequenos poemas em prosa” (*idem*, v. 2, p.185).

Há as que dão notícia ao autor dos seus livros preferidos; aquelas em que as crianças fazem pedidos; também pais e mães escrevem em nome dos filhos para o mesmo fim, pedem retratos em geral; elas arrancam de Lobato promessas, como colar o nome de “Manchinha” no gato “gigante” que aparece em *CHT*; muitos sonham fazer parte da turma do Sítio do Picapau Amarelo e querem se ver representados naquelas histórias. Há também leitores que lhe corrigem imprecisões e defeitos, como o menino “Geo” David (assim o apelida Lobato), que lhe escreve para apontar um equívoco de localização em *GDB*. O autor o responde para justificar o erro, atribuindo-o ao Visconde de Sabugosa, e o agradece dizendo: “Pois muito bem, meu caro Géio, Obrigado pelo quinau na velha, e se descobrir novo ‘gato’, escreva-me contando qual é” (*idem*, v.2, p.189). Lobato mostra que era muito receptivo às intervenções das crianças sobre seus textos. Uma das cartas não citadas por Cavalheiro expõe claramente um pedido de sugestão a uma leitora, Maria Luiza Pereira Lima, que reconhece ser de muita inteligência:

Só hoje recebi sua cartinha, tão interessante, de 11 deste mês. E também o retrato, que é pena estar tão apagado. Não pude ver direito a carinha da amiguinha pelotense. Emília, que estava ao meu lado, leu também sua carta e disse: “Sim senhor! Está aqui é uma menina que bem merecia morar no sítio de Dona Benta e tomar parte nas nossas aventuras. Sabe alemão e tem “personality” (Emília está aprendendo inglês); além disso, é atéia. Gosto muito dos ateus. O visconde também veio ler a carta e ficou asanhado quando soube que a biblioteca da Maria Luiza tem já

110 volumes – e deu um pulo de alegria quando viu que a Maria Luiza trata a tal Arimetica [*sic*] da Emilia de Arimetica [*sic*] do Visconde. – Toma, disse ele virando-se para ela. Aquela patifaria que você me fez, mudando o nome dum livro que era meu, não pegou. As meninas inteligentes estão restaurando a verdade. E eu fiquei ainda mais contente de ver que tenho uma leitorazinha de 12 anos que vale muito mais do que os leitores de 30 ou 40. Nada me causa maior encanto do que encontrar uma criança que seja realmente inteligente, que tenha originalidade e também personalidade. Em geral são umas burrinhas. Recebo muitas cartas de crianças, mas burrinhas quase todas. Você, porém, Maria Luiza, vai para o primeiro lugar. Passou a perna em todas. Se morasse aqui em S. Paulo havíamos de ser amigos. As pessoas inteligentes viram logo amigos íntimos. Pelo que vejo, é muito estudiosa. Continue. Aperfeiçoe-se em línguas. Assim poderá ler os muitos livros interessantes que há nas outras literaturas. Na nossa é a pobreza que você sabe. Se eu não me metesse a escrever uns livrinhos para vocês, que é que vocês teriam para ler? Nada, ou quase nada. Quer ser minha colaboradora? mande dizer que livro quer que eu escreva. Quem sabe se V. me dá uma boa idéia para este ano. Ainda não resolvi sobre o assunto dos 4 livros que a Cia Editora quer que eu dê até o fim do ano. Adeus, boa amiguinha. Ando com idéia de fazer um vôo de condor até o Rio Grande, e se chegar em Pelotas hei de fazer-lhe uma visitinha. Quer? Adeus, adeus, adeus...

Monteiro Lobato
(*apud* TIN, 2007, p. 230–231)

Lobato não estabelece uma relação de ternura com seus leitores infantis. É certo que não respondia todas as cartas e é provável que, de olho na qualidade das intervenções, preferia responder às de crianças “mais inteligentes”, que expressavam com maior articulação seu lado criativo e inventivo. Conecta-se a elas simultaneamente pelo que tem de infantil e de adulto. Note-se que Maria Luiza tem 12 anos, o que corrobora a hipótese de um deslocamento na faixa etária do seu público-alvo. Mas crianças escrevem-lhe também para exigir o seu quinhão daquelas histórias, pedem-lhe livros, sugerem temas, insistem em “visitar” o Sítio do Pica-pau Amarelo. Uma delas, Sara, chega a formular uma suposição sobre porque Lobato não escrevera uma história do Brasil para crianças.

Acho que o senhor não quer escrever porque Viriato Correia plagiou dos seus contos, escrevendo logo a História do Brasil. Mas por mim pode escrever porque certamente já o tinha imaginado e mesmo eu não gosto dos livros que Viriato Correia faz. Prefiro os seus. Veja se pode fazer a minha vontade, sim? (*idem*, v.2 p.188-189).

Em função desses e outros pedidos apaixonados e ao mesmo tempo cruelmente exigentes, Lobato escreve para *PA* uma cena na qual uma ruidosa turba de crianças bate à porta do Sítio, o narrador dá uma enorme lista dos seus nomes num parágrafo corrido, apenas para que sejam dispersas em seguida por Dona Benta (Cf. CAVALHEIRO, *op. cit.*, p. 187-188). A essa altura as cartas de pedidos já deviam se acumular aos montes na mesa de Monteiro Lobato e este era o seu modo de escapar às cobranças, fornecendo àqueles leitores, ainda que por alguns instantes, o reconhecimento do autor de que visitaram o seu mundo encantado.

Em suma, as correspondências com seus leitores exibem relações de força muito concretas². Através delas, Lobato testa os limites de seus argumentos, apreende os seus gostos, faz concessões, em suma, negocia os seus textos. Ao contrário de Cecília Meireles, que serviu-se com frequência de questionários aplicados às escolas para modelar a escrita de seus livros infantis, Lobato tinha a sua disposição uma via de comunicação direta e espontânea, participativa, mas pelo qual tinha de pagar, em certa medida, o preço. Se é patente a interferência das crianças, a história dessa troca epistolar talvez tenha de ser melhor traçada, envolvida ainda por uma bruma que diminui o papel do leitor infantil, ao mesmo tempo em que reforça a vocação e a inventividade do autor. Lobato, convém lembrar, publicou originalmente apenas suas correspondências com Godofredo Rangel; Cavalheiro é quem acrescenta às *OC* os dois volumes de *Cartas Escolhidas*, em que figuram poucas correspondências com crianças, nenhuma das que ele mesmo cita na biografia³.

² Esta seria a minha antítese à tese foucauldiana de Campos, apresentada na nota 5 do capítulo anterior.

³ Cavalheiro imprime apenas uma seqüência três cartas do autor a Alariquinho, filho de seu amigo Alarico da Silveira, ainda na época de Nova York (1928-1929). Como não se imprimiu a resposta do menino, pairam ainda várias dúvidas quanto a anterioridade do seu procedimento de consulta aos leitores. Desde quando teria começado? Como Lobato selecionava as cartas que respondia? Escrevia por iniciativa própria a algum leitor específico, além daqueles com que tinha uma relação pessoal?